

TRIVIAL VARIADO

RUBEM BRAGA

Andando em S. Paulo

Passo o dia ocupado, não procuro, nem pelo telefone, nenhum amigo — e quando anoitece, e chego ao apartamento do hotel, sou um homem só, nesta cidade de São Paulo. Ligo para dois conhecidos; nenhum está em casa. Perdi há tempos meu caderno de endereços; não encontro a lista de telefone. Tomo um banho, mudo a roupa e saio sozinho, sem programa, pelas calçadas formigantes deste começo de noite paulistana.

A idéia de entrar em um restaurante e jantar sozinho me deixa frio. Entro num desses cafés movimentados da Avenida São João, e como um desses pastéis feitos na hora, baratos e quentes, com que em outros tempos enganei minha fome, nas noites frias, solitárias e sem dinheiro. Tomo também uma batida, depois peço um sanduíche e mais um pastel e um café; saio para a rua com uma vaga noção de estar feliz, andando no meio dessa multidão encapotaada que os cinemas de grandes luzes vão engolindo em seus enormes ventres negros, onde esses homens e essas mulheres passam duas horas entretidos na mentira de outras vidas em outras terras. Vejo a multidão que sai de um desses cinemas; muitas dessas pessoas se comoveram com a fita, algumas choraram, há famílias enormes que desembocam na calçada com um ar desorientado, meio sonâmbulas, e que de repente parecem aflitas de regressar à realidade da rua e de si mesmas, e temem se desagregar no seio da multidão apressada.

Desfilam por mim centenas, milhares de caras, e não conhecer ninguém dá uma tristeza confortável, essa doçura melancólica da cidade estranha e grande. Entretanto, aqui é São Paulo, onde tanto vivi. Entro em um bar ao acaso, mas também não vejo nenhum conhecido; e beber sozinho seria mais triste do que tudo. Agora não procuro mais ninguém; estou apenas vagando pelas ruas, integra-

do nesse fluir infindável de homens — um homem calado no meio deles, um desconhecido entre desconhecidos, apenas amparado por essa vaga solidariedade feita de alguma coisa de frágil e ao mesmo tempo de hostil, de prevenção e de identidade, que une os transeuntes da mesma rua.

E reencontro assim, quase trinta anos depois, mais forte, mais populosa e imponente, a minha São Paulo da vez primeira, onde eu não conhecia ninguém e onde perambulei docemente uma noite inteira, aprendendo a sentir a rua com meus olhos e meus pés, gozando devagar o encanto da cidade que escolhera para viver, exatamente porque ali não conhecia ninguém.

Mas agora ouço o meu nome gritado; é um amigo que me chama de dentro de um automóvel. Subo ao seu carro, vamos encontrar outros amigos em um bar. Na calçada ficou o fantasma solitário, mas livre e lírico, do rapaz aventureiro de antigamente.

Ofensiva de Vinícius

Vamos ter muito Vinícius, no Rio e em São Paulo. Em São Paulo o *Orfeu da Conceição* será dirigido por Luís Vergueiro, no Teatro Maria Della Costa, em uma adaptação para durar 45 minutos, em que o próprio poeta está trabalhando. Agostinho dos Santos, Raul Cortez e Eneida Jalena estão no elenco.

No Rio, o próprio Vinícius de Moraes aparecerá com o não menos próprio Dorival Caiami em um *show* do Zuzum, produzido por Aluisio de Oliveira. O quarteto de Oscar Castro Neves (piano, vibrafone, contrabaixo e bateria, além de violão) e o *Quarteto em Ci*, aquelas entoadíssimas meninas baianas que se chamam Civa, Cibele, Cinara e Cilene também estão nesse *show*, que começará em meados de dezembro, na casa de Paulinho Soledade. Sambas novos de Vinícius em parceria com Baden (dois) e Edu Lôbo (um).

124